

# LIVROS

*Romis Attux*

A Beethoven.

*Nulla linea sine die.*

## LIVRO PRIMEIRO

### Cenas Infantis

## Canção da Noite

O sol se põe  
Noite.

Abracei e neguei  
Foi apenas mais um dia.

## Praelium

Um golpe é sempre  
Estranheza e profanação.

A mão que agride  
É Deus.

O rosto ferido  
É Deus.

O fogo que cega  
Afasta.

## Sobre a Arte

Véu que desvela  
Identidade

A arte  
É a sina de Tirésias

A arte  
É apenas o viver.

## Consolação da Arte

Levanto-me  
A beleza revigora.

## Noturno

Sinto, profano,  
A tomar Silenos por Górgonas

Sonhando, entre o ventre cálido  
E a autêntica estupefação.

## Celerados

Lia-se empoeirado epitáfio  
Esfacelado sem que jamais  
Se soubesse a razão

Ei-los: chamar-se-ão  
Celerados.

## Sentido

A verdade  
É relva que pisamos  
E nutriremos  
Pele e carne.

## Lótus

Livre, ventura perene,  
Realidade primeira, última,  
Única.  
Lótus que cresce e é.

Muito além dos códigos empoeirados  
E da eloquência responsável que consome a alma,  
Há ser, sem verdades entorpecentes  
E medos ancestrais.

*publicado – A Cigarra*

## Pequena Profecia

Há tantos a caminhar  
Em descompasso?

## **Turba**

Vê o santo!  
Vê o cego!  
Ouve o coro  
A ler sentenças!

Encômio ou lamento,  
Notas não são ouvidas  
No escuro de um quarto nu.

## **O Homem Nu**

Reluz  
A centelha que nos trouxe  
O bravo Prometeu

Proclama solene  
Nobreza e estultícia  
Tudo é desencanto!

Quem mais sonha ser Deus?

## **Trevas**

Serão as feras  
Apenas aquilo  
Que pensei merecer?

## Impressões

Sentei-me  
Serenamente arrebatado  
Pela verdade harmoniosa

Da árvore de beleza austera  
E do pequeno lago a sorrir ondas  
Que a brisa leve oferecia  
Sem cessar

Incessante e em perfeita quietude  
Sempre  
E ao me sentar.

## Estrêla

A pequenina estrela de Belém  
Brilhava humilde sobre a metrópole  
Quase ofuscada pela luz vazia  
Tremia simplicidade

Rompendo a feita fumaça  
Tocava meus tristes olhos  
Trazendo de volta certezas  
De pleno sol.

## Dies Domini

As ruas vazias  
Revelam almas  
Pululam profecias  
É dia  
De passos firmes  
E fácil esquecer.

Dia de sinos  
E choro contido  
O beijo de Judas  
Ocorreu num domingo.

## Flor de Tennyson

És um mistério, andarilho,  
Para um coração tão encastelado.  
Minhas palavras patéticas  
Ecoaram pelo vazio.

Provas pelo fogo meus imperativos,  
És de fato minha flor:  
Flor de Tennyson.



## Enigma

À sua passagem  
Calam-se o intelecto  
E todas as minhas intenções:  
Somos esfinge  
Eu distorço o mundo!

No trono de um cego avalio  
Segundo loucuras a priori.

## Memória

### I (Amiga de Infância)

Na noite gelada  
Um salto no escuro  
Teu corpo caído  
Ilusório.

Bem sei que foste amparada  
Por mãos inevitáveis  
Pelos braços dos anjos.

### II (Pseudo-Epitáfio do Dia de Todos os Santos)

Não lamentarei tua morte  
Nada jamais morrerá  
Tampouco lamentarei a ilusão  
Que sustenta não sermos um só.

## Réquiem para um Menino Morto

Banhado pela máscara escarlate  
É Deus este menino  
Dorme tão sereno

Seus sonhos são  
As visões dos profetas

Em cenário brutal  
Paira pureza  
Sem razão ou escrituras.

*Após uma foto*

## Hoje

Há mãos nas estrelas  
Ouvir no latido dos cães  
As máximas dos santos  
Aqui é  
Toda a verdade.

Um pequeno verme  
Pregava pelas ruas  
Hoje.

*publicado – CBJE*

## Após a Contemplanção de um Quadro de Sargent

Para onde marcham  
Rompendo o ar quente  
Passos cadência  
Desespero dor

Talvez para a luz  
Que não mais podem ver  
Para os seios de suas velhas mães  
Talvez  
Para onde bravura não se há de comprar

Privados do esquecer  
Esmigalhados  
Números pisam  
Pés pés sol pálido.

## LIVRO SEGUNDO

Scherzi

## Resoluções

Um dia sem café  
Baudelaire  
E jantar frugal.

Dois dias sem café  
Jessé  
E ler “As Flores do Mal”.

## Estudo

Voz 1: Pudesse Atlas contemplar  
Voz 2: Ave  
V1: O fardo inevitável  
V2: Voraz  
V1: Seria dilacerado  
V2: Arranca  
V1: Por sua própria condição?  
V2: O fígado do Titã.

## Regnum

Enquanto o rei  
Reina sem reinar  
Em teu palco  
Com quem estarás?

## Versinhos

Quis conhecer em prosa  
Ouvi um solene “não”  
Pois só se conhece o mundo  
No universo profundo  
De quem canta uma canção.

## Sapiencial

Sábio:  
Louco  
Com fé infinita no presente.

## Scherzo Nostálgico

$$x_2 = x_1$$

$$y_2 = y_1$$

$$z_2 = z_1$$

$$t_2 \neq t_1$$

## LIVRO TERCEIRO

Esboços

## **Marco Aurélio**

A vida  
É fardo maior  
Que um império.

## **Thomas Mann**

Sob e na couraça e titã  
Humanidade  
E douta fragilidade.

## **Elegia**

Morre agora  
Nas profundezas de um mar longínquo  
Um jovem cavalo-marinho.

## **Chien**

Em teus olhos plácidos  
Brilha o chamado  
De florestas imemoriais.



## **Dies Irae**

A ira  
Não preenche sequer  
Um dia.

## **Elegância**

A elegância da dama  
Não é a elegância  
De uma sinfonia de Haydn.

## **Fugaz**

Nada, cinzas,  
A oblação de um segundo  
Sobre o mesmo antigo altar.

## LIVRO QUARTO

### Suíte Poética

## 1 - Prelúdio

### I

Praça das praças cantava  
"Se cria, se cria"

### II

Duas bolhas  
Ilusoriamente se sucediam  
Estourando, gentis

Um pássaro  
Concreto armado  
Recitava o solene

Um bardo  
Ricamente trajado  
Jazia silente.

## 2 - Ratio (I)

Vestes humildes  
E feições serenas  
Aversa ao louvor  
Diz apenas:  
"Segue-me".

### **3 - Sensus (I)**

O que fundamenta  
Tudo é e alcança  
Sob faces inesgotáveis  
E vias inextinguíveis.

### **4 - Sensus (II)**

Quem contempla o ser  
E sorri  
Sabe que a verdade  
Não é nada tímida.

### **5 - Ratio (II)**

Não temas o vazio  
Ando pelas flores  
Da estrada do nada.

### **6 - Ratio (III)**

A ciência salta  
Pelos cantos da casa  
Espia, contorcida,  
A caixa, exausta.

## 7 - Sensus (III)

Cada ferida  
Ardeu  
Mostrou  
Que toda dor  
É medir com o olhar

Quão sofrido  
Estampado num pano  
É o rosto de Cristo!

## 8 - Aria da Capo

Edifício  
Sempre construído

Tão visto  
Ou não visto  
(Basta pensar)

De pé  
Até que o tempo  
Termine.

O ignoto  
O é também  
Pela hora obscura.

*Plaudite!*

## LIVRO QUINTO

### Peregrinação

## Beethoven

### Ensaio sobre o Homem

O patético  
É a cor mais clara  
Aveludada  
Da mão de Deus

A queda de um anjo  
Que de seu corpo  
Não se apercebe

A flor ressequida  
Que só ante os olhos  
Enfim pereceu.

### Versos Românticos

Um jovem  
É tirado da cama  
No meio da noite

O organista de aldeia  
Restitui-lhe o desejo  
De dançar com a vida.

## Soneto a um Soldado Iraquiano Morto

*"...in sanctas ac venerabiles manus suas..."*

Tuas mãos  
De afagos, preces, armas  
E tanto  
Que não me cabe contar.

Tuas mãos num gesto estranho,  
Hipnótico e profundo,  
Que, no entanto,  
Não me cabe decifrar.

Vejo que a bondade  
Não arrefeceu:  
Cobriram teu corpo inerte!

Mas tuas mãos,  
Santas e veneráveis,  
Não lhes coube profanar.

*Após Hird/Reuters*

## Sobre a República

Não foi Tarquínio  
Pai da República?



## A Minha Adorada

### I (Prelúdio)

Se me dilaceram  
As garras do porvir  
E minha razão anuvia  
Torpor de brisa suave

Caminha comigo!

Em teus cabelos encontro  
O há muito esquecido  
Rompe-se enfim o ciclo

Milagre do sentido.

### II (Celebração)

Enquanto arrastava  
Por ermas trilhas distantes  
A quota de existência que me coube  
Ouvi teu canto  
De ritmos bárbaros  
Como se adentrasse  
Dionísio o teatro  
De um novo élan insuflado.

### III (Tempora Nubila)

Da planície desolada  
Fizeste o mais verde prado,  
Em que corrias, fagueira,  
Tecendo da erva a láurea  
Do amor que celebravas.

Mas aportaram nuvens escuras,  
Naus do destino insensato,  
Tirano, cujo arauto  
Não é ancião inábil,  
É o mais célere sátiro.

### A Sombra da Esperança

Ignoro os declives mendazes  
Lembro-me de caminhar rumo ao sol  
Da luz ubíqua que me consumia.

Quando cessa o dia  
Ecoa em meus ouvidos  
O riso lancinante do velho  
Que porta as cinzas do Elísio.

### Palavras de Pórtico

Não critiques meu estoicismo  
Conheço bem o exílio  
Destes muros de concreto.

## A Quíron

Vejo-te em divagações de infante  
Célere em monte e campo largo  
Cultor de glórias do passado  
De ilustres varões mestre sagaz.

Ferido pela seta inexata  
Dissonância da verdade do fado  
Vejo-te, pelo sempiterno assinalado,  
Partilhar a sorte dos que amavas.

E quando os olhos elevo  
Quebrantado de labores  
Entre o porvir e a saudade

É em teu rosto que encontro  
Sapiência que viceja  
A redenção da humanidade.

## Pregação

De bom grado te ouviria  
Se fosses de um redivivo  
Júlio Cano discípulo.

## Epigrama Amargo

*“Doch wenn du sprichst: ich liebe dich!  
So muss ich weinen bitterlich” Heine*

Morre novamente a flor  
Que da fóvea viste renascer:  
Não derrames lágrima!  
Se buscas o perene,  
Ama o galho seco,  
Tão honesto em seu gritante fanar.

## Epigrama (Janus)

Tudo o que falta  
Está intra muros  
Na chama de Catulo  
E no choro de Cipião.

## Balada de Cartago

Nas paragens calcinadas  
Onde outrora foi Cartago  
Um só augúrio há.

Revela-o a sementeira dos tombados:  
Ser é a bordo de uma nau  
De mortos e morituros  
Mar inóspito singrar.

## Versos Representativos

“ A pedra  
Mais bela  
Que o Apolo Belvedere”

Encontra  
No abstrato  
O Midas que aprouver.

## Epigrama Menor

Quando o sol de minha ilusão se põe  
Resta-me o brilho das estrelas  
Como brilho de presas.

## Dissonâncias

Não mais os festins,  
As danças e os risos dos néscios.  
Inclina-te, sente o ar gélido,  
Contempla o vazio sobre teu rosto.

Se bem mirares, há um véu  
Da mais fina seda, mui extenso,  
Tão leve  
Que parece poder tudo esmagar.

## Tempo

A mão de Cronos inclemente  
Faz do dia mais belo  
Espectro de não-ser dolente.

## Varição Epigramática

Toda a nossa ciência  
É uma torrente de impropérios  
Vertidos pela pitonisa  
De tristeza lapidar.

## Arte Moderna

Apolo  
Quer ser  
Dionísio.

*A Jackson Pollock*

## Epigrama (a Sêneca)

Pleno de pórtico,  
Flagela-me o não entrar.

## Souvenirs

A morte do que foi  
Faz-me pensar  
Que jamais haja sido

Apenas sorrio  
Entre árvore e pedra  
De um dia que passou.

## Política

Acaso pode purgar Numa  
O sangue em Siracusa vertido?

## Epigrama (a Nietzsche)

Êmulo de um Décio,  
Atiro-me ao viver.

## Epigrama (a Catão)

Catão foi a República  
E a República  
Pereceu.

## Epigrama

Como olvidar-me do gáudio  
Daqueles que, sem cuidado,  
Esmagou o grande Khan?

## Bruma

Penso que esteja morto,  
Pois me dói o passado sem ardor.

Dói-me como ponta de faca  
Ou chama que alguém esqueceu,  
Como se, por mistério profano,  
O Lete santo houvesse turvado.

E o calor de braços estendidos no porto  
É ora a visão de mãos que acenam:  
Rema o barqueiro e traga a névoa  
A insensata alegria que não pode durar.

## Quadra

Não te permitas ser triste  
Estrelas não há e do que existe  
O fogo que devora mundos  
Sabe bem como cuidar.



## Soneto Bárbaro

De mim se apossa  
O clamor de mundos dizimados  
Decretos de um arauto  
De faces que não hei visto.

Rostos ignorados  
São sombras de dias perdidos  
Memórias que tecem os olhos  
Qual trama de um gesto fácil.

Dardeja luzes tão pálidas  
O curso escuro e profundo  
Serpente que hei singrado.

Desfaz-se então a neblina  
Revela o ruído incessante  
Que hei tido Caronte a meu lado.

## LIVRO SEXTO

Odes

## I

Flores cessam no esfumado  
Cessa o viço, brota o fim,  
Fenece a bela dama que amaste.

Turva a lágrima a verdade,  
Surge a dor  
Como esteio do existir.

## II

Abrigo-me à sombra  
Da estátua de um romano  
Para receber a tarde.

Dói-me a sombra do que sou  
Tão terrível  
Quanto a visão de fasces.

## III

Os lírios que outrora colhemos  
Surpassam, em pura beleza,  
As plantas do jardim de Atenas.

Os lírios que outrora colhemos  
São flores em livros curtidos,  
São seiva de almas serenas.

## IV

Os noivos rodopiam,  
Dançam, como se fosse  
A dança mais que um dia.

Mais que um dia é a vida?  
Ora, deixa que dancem  
Como se dançar a vida fosse.

27-08-2005